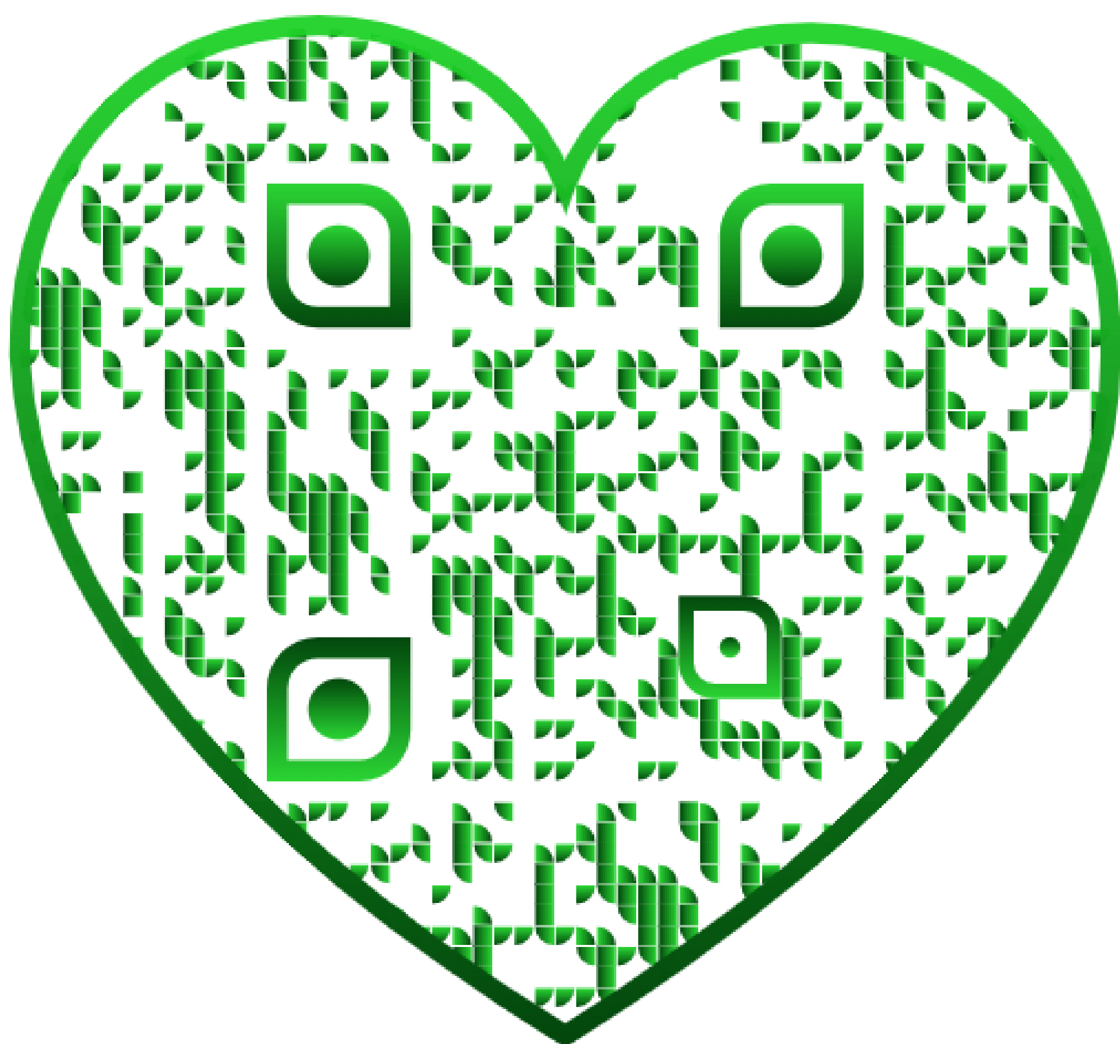
STEPHEN KING

Laurie

conto



CONTO INÉDITO DE

STEPHEN KING

LAURIE

TRADUÇÃO
Regiane Winarski





Copyright © 2018 by Stephen King

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Laurie

Este conto inédito foi disponibilizado gratuitamente pelo autor.

Revisão
Marina Nogueira

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/Suma_BR



1

Seis meses depois que Lloyd Sunderland perdeu a esposa, com quem ficou casado por quarenta anos, a irmã dele foi de Boca Ratón a Cayman Key para visitá-lo. Levou junto uma cachorrinha cinza-escuro, que ela disse ser mistura de border collie com mudi. Lloyd não fazia a menor ideia do que era um mudi e nem queria saber.

— Não quero um cachorro, Beth. Um cachorro é a última coisa que quero no mundo. Mal consigo tomar conta de mim mesmo.

— Isso está óbvio — disse ela, soltando a coleira da cachorrinha, que mais parecia de brinquedo. — Quanto você perdeu de peso?

— Não sei.

Ela o avaliou.

— Eu diria uns sete quilos. Até que você podia perder isso, mas não pode perder mais. Vou fazer um ovo mexido com salsicha. Tem ovo aí?

— Não quero ovo mexido com salsicha — disse Lloyd, olhando para o cachorro, que estava sentado no tapete branco felpudo, e ele se perguntou quanto tempo demoraria para que deixasse uma lembrancinha lá. O tapete precisava ser aspirado e provavelmente lavado, mas pelo menos nunca tinham mijado nele. O cachorro estava olhando para ele com seus olhos âmbar, quase parecendo estudá-lo.

— Você tem ovos ou não?

— Tenho, mas…

— E salsicha? Não, claro que não. Você deve estar sobrevivendo à base de waffle congelado e sopa enlatada. Vou comprar no Publix. Mas primeiro vou olhar sua geladeira e ver de que mais você precisa.

Ela era cinco anos mais velha do que ele, praticamente o criou depois que a mãe morreu, e quando criança ele nunca conseguiu se opor a ela.

Agora que eles estavam velhos, ele continuava sem conseguir se opor a ela, principalmente depois que Marian se foi. Parecia a Lloyd que havia um buraco onde antes ficavam suas entranhas. Podia ser que suas entranhas voltassem, podia ser que não. Sessenta e cinco anos era uma idade meio avançada para regeneração. Mas o cachorro… ele se oporia a isso. O que, em nome de Deus, Bethie estava pensando?

— Eu não vou ficar com ela — disse Lloyd, falando com as costas da irmã enquanto ela andava com as pernas finas até a cozinha. — Você comprou, pode levar de volta.

— Eu não comprei. A mãe era uma border collie pura que escapou e cruzou com o cachorro de um vizinho, que era mudi. O dono da mãe conseguiu dar os outros três filhotes, mas essa é mirrada e ninguém queria. O cara, que é fazendeiro dono de uma propriedade pequena, ia levar a cachorrinha pra um abrigo quando eu passei e vi uma placa presa em um poste telefônico. quem quer um cachorro, dizia a placa.

— E você pensou em mim. — Ainda olhando o cachorro, que o olhava de volta. As orelhas eretas pareciam a maior parte dele.

— É.

— Estou *de luto*, Beth. — Ela era a única pessoa para quem ele podia declarar sua situação de forma tão clara, e era um alívio.

— Eu sei. — Garrafas foram mexidas na geladeira aberta. Ele conseguia ver a sombra na parede enquanto ela rearrumava lá dentro, inclinada. Ela parece mesmo uma cegonha, pensou ele, uma cegonha humana, e provavelmente vai viver para sempre. — Uma pessoa de luto precisa ocupar a mente com alguma coisa. Precisa cuidar de alguma coisa. Foi isso que pensei quando vi a placa. Não é um caso de quem quer um cachorro, é um caso de quem precisa de um cachorro. Você. Jesus Cristo, essa geladeira é uma colônia de mofo. Estou morrendo de nojo.

A cachorrinha ficou de pé, deu um passo hesitante na direção de Lloyd, mas mudou de ideia (supondo que fosse capaz de pensar) e sentou-se de novo.

— Fica você com ela.

— De jeito nenhum. Jim tem alergia.

— Bethie, você tem dois gatos. Ele não é alérgico aos gatos?

— É. E os gatos bastam. Se é isso que você quer, vou levar a cachorrinha para o abrigo de animais em Pompano Beach. Eles costumam esperar três semanas pra eutanásia. Ela é uma coisinha fofa com esse pelo esfumaçado. Pode ser que alguém a pegue antes de chegar a hora dela.

Lloyd revirou os olhos, apesar de ela não estar perto para ver. Ele fez a mesma coisa muitas vezes aos oito anos, quando Beth dizia que, se ele não arrumasse o quarto, ela daria umas palmadas na bunda dele com a raquete de badminton. Algumas coisas nunca mudavam.

— Façam as malas — disse ele —, vamos fazer uma viagem pela culpa com todas as despesas pagas por Beth Young.

Ela fechou a geladeira e voltou para a sala. A cachorrinha olhou para ela e voltou a inspecionar Lloyd.

— Vou ao Publix, onde devo gastar bem mais que cem dólares. Trago a nota pra você me reembolsar.

— E o que vou ficar fazendo enquanto isso?

— Por que não tenta fazer amizade com a cachorrinha indefesa que você vai mandar pra câmara de gás? — Ela se inclinou para fazer carinho na cabeça do animal. — Olha só esses olhos esperançosos.

O que Lloyd viu naqueles olhos âmbar foi só cautela. Avaliação.

— O que vou fazer se ela mijar no tapete? Marian mandou colocar antes de ficar doente.

Beth apontou para a coleira de brinquedo na almofada.

— Leva ela pra passear. Apresenta ela pros canteiros abandonados de flores de Marian. Mas, na verdade, um xixi não ia fazer tão mal a esse tapete. Está imundo.

Ela pegou a bolsa e foi andando para a porta, as pernas finas se movendo daquele jeito arrogante.

— Um bicho é o pior presente que se pode dar a alguém — disse Lloyd.

— Li isso na internet.

— Onde tudo é verdade, né?

Ela parou para olhar para ele. A luz forte de setembro na costa oeste da Flórida caiu no rosto dela, deixando visível a forma como o batom tinha vazado pelas pequenas rugas em volta da boca e como as pálpebras inferiores estavam meio frouxas nos olhos, além da rede frágil de veias latejando no vão da têmpora. Ela faria setenta anos em breve. Sua irmã saltitante, de opinião forte, atlética e determinada estava velha. Ele também. Eles eram prova de que a vida não passava de um sonho curto em uma tarde de verão.

Só que Bethie ainda tinha o marido, dois filhos crescidos e quatro netos, a bela multiplicação da natureza. Ele tivera Marian, mas Marian morreu e eles não tiveram filhos. Ele deveria substituir a esposa por um filhote de vira-lata? A ideia era brega e idiota como um cartão da Hallmark, assim como irreal.

— Eu não vou ficar com ela.

Ela o olhou da mesma forma de quando era uma garota de treze anos, a mesma que disse que a raquete de badminton faria sua aparição se ele não tomasse jeito.

— Vai ficar com ela pelo menos até eu voltar do Publix. Tenho umas outras coisas pra fazer, e cachorros morrem em carros quentes. Principalmente os pequenos.

Ela fechou a porta. Lloyd Sunderland, aposentado, viúvo havia seis meses, atualmente não muito interessado em comida (e nem nos outros prazeres da vida), ficou olhando aquela visitante indesejada no tapete felpudo. A cachorrinha ficou olhando para ele.

— O que você está olhando, idiota? — perguntou ele.

A cachorrinha se levantou e andou até ele. Saltitou, na verdade, como se estivesse andando em mato alto. Sentou-se junto ao seu pé esquerdo e olhou para ele. Lloyd baixou a mão com hesitação, esperando uma mordidinha. A cachorrinha o lambeu. Ele pegou a guia e prendeu na coleirinha rosa de filhote.

— Vem. Vamos sair do tapete enquanto ainda temos tempo.

Ele puxou a guia. A cachorrinha só ficou sentada olhando para ele.

Lloyd suspirou e a pegou no colo. Ela lambeu a mão dele de novo. Ele a carregou para fora e a colocou na grama, que precisava ser cortada, e a cachorrinha quase desapareceu. Beth estava certa sobre as flores também.

Estavam horríveis, metade tão morta quando Marian. Esse pensamento o fez sorrir, embora sorrir com uma comparação dessas o fizesse se sentir uma pessoa ruim.

O jeito saltitante da cachorrinha ficou ainda mais pronunciado na grama. Ela deu uns dez passos, abaixou o traseiro e fez xixi.

— Até que não foi ruim, mas não vou ficar com você de qualquer jeito.

Ele disse isso já desconfiando de que, quando Beth voltasse para Boca, a cachorrinha não iria com ela. Não, aquela visitante indesejada estaria com ele, em sua casa a oitocentos metros da ponte que ligava a ilha ao continente. Não daria certo, ele nunca tinha tido um cachorro na vida, mas até que encontrasse alguém que ficasse com ela, talvez ela oferecesse algo a fazer além de ver televisão e ficar sentado na frente do computador, jogando paciência e navegando por sites que pareciam interessantes quando ele se aposentou e agora o matavam de tédio.

Quando Beth voltou, quase duas horas depois, Lloyd estava de volta na poltrona e a cachorrinha estava no tapete, dormindo. Sua irmã, que ele

amava, mas que o irritou durante toda a sua vida, o irritou ainda mais hoje ao voltar com bem mais do que ele esperava. Ela levou um saco grande de ração de cachorro (orgânica, claro) e um pote grande de iogurte natural (que, quando adicionado ao alimento do filhote, fortaleceria a cartilagem naquelas orelhas de radar). Beth também levou tapetes higiênicos para filhotes, uma caminha de cachorro, três brinquedos de morder (dois faziam um barulho irritante) e um cercadinho de criança, que impediria que o filhote ficasse andando por aí à noite, ela disse.

— Jesus, Bethie, quanto isso custou?

— Estava em liquidação na Target — disse ela, desviando da pergunta de um jeito com o qual ele estava acostumado. — Não foi nada. Presente meu.

E agora que eu trouxe tudo isso, você ainda quer que eu leve ela embora?

Se quiser, é você que vai ter que devolver as mercadorias.

Lloyd estava acostumado a ser enrolado pela irmã.

— Vou fazer uma tentativa, mas *não* gosto de responsabilidade jogada nas minhas costas. Você sempre foi exagerada.

— Sim — disse ela. — Com a mãe morta e um pai funcional, mas um bêbado irrecuperável, eu tinha que ser. Agora, que tal o ovo mexido?

— Tudo bem.

— Ela já fez xixi no tapete?

— Não.

— Mas vai. — Beth até pareceu satisfeita com a ideia. — E não vai ser uma grande perda. Que nome você vai dar pra ela? Se eu escolher o nome, ela é minha, pensou Lloyd, só que desconfiava que ela já fosse dele, desde a primeira lambida hesitante. Do mesmo jeito que Marian foi dele desde o primeiro beijo. Outra comparação idiota, mas dava para controlar como a mente organizava as coisas? Não dava, assim como não dava para controlar sonhos.

— Laurie — disse ele.

— Por que Laurie?

— Sei lá. Apareceu na minha cabeça.

— Bom — disse ela —, tudo bem.

Laurie os seguiu até a cozinha. Saltitando.

2

Lloyd cobriu o tapete branco felpudo de tapetes higiênicos e montou o cercadinho no quarto dele (prendendo o dedo no processo), depois foi para o escritório, ligou o computador e começou a ler um artigo intitulado *Então você tem um cachorrinho!* Na metade, percebeu que Laurie estava sentada ao lado do sapato dele, olhando para ele. Decidiu dar comida para ela e encontrou uma poça de xixi na passagem entre a cozinha e a sala, a menos de quinze centímetros do tapete higiênico mais próximo. Ele pegou Laurie, colocou-a ao lado do xixi e disse: — Aqui não. — Ele a colocou no tapete limpo. — O certo é aqui.

Ela olhou para ele e foi saltitando até a cozinha, onde se deitou ao lado do fogão com o focinho apoiado em uma pata e ficou olhando para ele.

Lloyd pegou um punhado de toalhas de papel. Achava que usaria muitas na semana seguinte.

Quando o xixi estava limpo (era bem pequeno, pelo menos), ele colocou um quarto de xícara de ração de filhotes (a dosagem recomendada, de acordo com *Então você tem um cachorrinho!*) em uma tigela de cereal e misturou com o iogurte. A cadelinha comeu com gosto. Enquanto ele a via comer, seu telefone tocou. Era Beth, ligando de uma parada no meio de Alligator Alley.

— Você tem que levar ela no veterinário — disse ela. — Esqueci de avisar.

— Eu sei, Bethie. — Estava em *Então você tem um cachorrinho!*

Ela continuou falando como se ele não tivesse dito nada, outra característica que ele conhecia bem.

— Ela vai precisar de vitaminas, eu acho, e de remédio contra o parasita do coração com certeza, e algo contra pulgas e carrapatos. Deve ser um comprimido que eles comem com a comida. Ela também vai precisar ser tratada. Castrada, sabe, mas provavelmente só em uns dois meses.

— Sim — disse ele. — Se eu ficar com ela.

Laurie tinha terminado de comer e foi para a sala. De barriga cheia, o andar saltitante ficou mais acentuado. A Lloyd, ela pareceu um pouco bêbada.

— Se lembra de passear com ela.

— Certo. — De quatro em quatro horas, de acordo com *Então você tem um cachorrinho!* E isso era ridículo. Ele não tinha intenção nenhuma de levantar às duas da madrugada para levar a hóspede indesejada para fora.

A leitura de mentes era outra especialidade da irmã dele.

— Você deve estar pensando que se levantar no meio da noite vai ser um saco.

— Passou pela minha cabeça.

Ela ignorou isso de uma forma que só Bethie conseguia.

— Mas se você estiver falando a verdade sobre ter insônia desde que Marian morreu, acho que não vai ser tão difícil.

— É muita compreensão e atenção da sua parte, Bethie.

— Vê como vão ser as coisas, é só isso que estou dizendo. Dá uma chance pra garotinha. — Ela fez uma pausa. — Dá uma chance pra você também. Eu me preocupo com você, Lloyd. Eu trabalhei em uma empresa de seguros por quase quarenta anos e posso dizer que os homens da sua idade têm risco bem maior de doença depois que a esposa morre. E de morte, claro.

Ele não respondeu nada.

— Você vai?

— Vou o quê? — Como se ele não soubesse.

— Dar uma chance a ela.

Beth estava tentando arrancar de Lloyd um comentário que ele não estava disposto a oferecer. Ele olhou em volta, como se buscando inspiração, e encontrou um cocô, uma única minhoquinha, exatamente onde antes estava a poça de xixi, a quinze centímetros do tapete higiênico mais próximo.

— Bom, a garotinha está aqui agora — disse ele. Era o melhor que ele poderia dar a ela. — Dirige com cuidado.

— Vou a sessenta e cinco o caminho todo. Sou muito ultrapassada, e algumas pessoas buzinam pra mim, mas não confio nos meus reflexos se eu for mais rápido.

Ele se despediu, pegou mais toalhas de papel e recolheu a torinha.

Laurie o observou com os olhos âmbar. Ele a levou para o lado de fora novamente, e ela não fez nada. Quando terminou outro artigo sobre criação de filhotes vinte minutos depois, ele encontrou outra poça de xixi na passagem.

A quinze centímetros do tapete higiênico mais próximo.

Ele se curvou, apoiou as mãos nos joelhos, e suas costas deram o estalo de aviso de sempre.

— Você está com os dias contados, cachorra.

Ela olhou para ele.

Pareceu observá-lo.

3

No final da tarde, depois de mais dois xixis, sendo um no tapetinho mais próximo da cozinha, Lloyd colocou a coleirinha nela e levou Laurie para fora, carregando-a no braço como uma bola de futebol americano.

Ele a colocou no chão e a fez descer pelo caminho que seguia por trás do pequeno conjunto de casas. O caminho levava a um canal raso que acabava passando por baixo da ponte levadiça. O trânsito estava parado, esperando o brinquedo caro de algum sujeito rico passar da baía Oscar para o Golfo do México. A cachorrinha andou saltitando de um lado para o outro, como sempre, parando de vez em quando para farejar um amontoado de grama que, da perspectiva dela, devia parecer uma selva impenetrável.

Um calçadão de madeira em mau estado conhecido como Caminho dos Dez Quilômetros (por motivos que Lloyd nunca entendeu, pois tinha no máximo um quilômetro e meio) acompanhava o canal, e seu vizinho da casa ao lado estava parado lá entre as placas que diziam proibido jogar lixo e proibido pescar. Mais à frente tinha uma que deveria dizer cuidado com os jacarés, só que tinham pichado democratas em cima de jacarés.

Ver Don Pitcher curvado sobre a bengala chique de mogno se arrastando com a cinta de hérnia sempre provocava em Lloyd um frisson pequeno e inconfundível de satisfação cruel. O sujeito era uma caixa amplificadora de opiniões políticas cansativas, e também um urubu assumido. Se alguém do bairro morresse, Don sabia primeiro. Se alguém da região estivesse tendo dificuldades financeiras, ele também sabia. A coluna de Lloyd não era mais como tinha sido, nem seus olhos e ouvidos, mas ele ainda estava a anos da bengala e da cinta. Era o que ele esperava.

— Olha aquele barco — disse Don quando Lloyd se juntou a ele no calçadão (Laurie, talvez com medo da água, ficou para trás, com a guia esticada).

— Quantas pessoas pobres você acha que isso alimentaria na África?

— Acho que nem gente passando fome comeria um barco, Don.

— Você sabe o que eu… Ora, o que você tem aí? Um filhote? Como ele é fofo.

— É ela — disse Lloyd. — Estou cuidando pra minha irmã.

— Aqui, lindinha — disse Don, inclinando-se e esticando a mão. Laurie recuou e latiu pela primeira vez desde que Beth a trouxe: dois barulhinhos agudos e estridentes, depois silêncio. Don se empertigou. — Ela não é muito simpática, né?

— Ela não conhece você.

— Ela caga pela casa?

— Não muito — disse Lloyd, e por um tempo eles ficaram olhando a lancha. Laurie ficou sentada na beirada do calçadão de madeira, olhando para Lloyd.

— Minha esposa não quer cachorro — disse Don. — Diz que só faz sujeira e arruma confusão. Eu tive um quando era menino, uma collie linda. Ela caiu em um poço. A cobertura estava podre e ela caiu. Tivemos que puxar ela com aquele troço.

— Foi mesmo?

— Foi. É bom ter cuidado com a cachorrinha perto da rua. Se ela sair correndo, já era. Olha o tamanho daquela porra de barco! Aposto que vai tocar no fundo.

A lancha não tocou no fundo.

Quando a ponte foi baixada e o trânsito estava normal, Lloyd olhou para a cachorrinha e a viu dormindo de lado. Ele a pegou. Laurie abriu os olhos, lambeu sua mão e voltou a dormir.

— Tenho que voltar e preparar o jantar. Vai com calma, Don.

— Você também. E fica de olho nessa cachorrinha, senão ela vai roer tudo que você tem.

— Eu tenho uns brinquedos pra ela roer.

Don sorriu, exibindo um conjunto de dentes irregulares que provocou um arrepio em Lloyd.

— Ela vai preferir seus móveis. Você vai ver.

4

Enquanto Lloyd estava assistindo ao noticiário naquela noite, Laurie foi até o lado da poltrona dele e deu os mesmos dois latidos agudos. Ele avaliou o olhar brilhante, pesou os prós e os contras, pegou-a e a colocou no colo.

— Se você me molhar, vai morrer — disse ele.

Ela não o molhou. Dormiu com o focinho embaixo da cauda. Lloyd ficou fazendo carinho distraidamente na cachorrinha enquanto assistia a uma filmagem de celular de um ataque terrorista na Bélgica. Quando o noticiário acabou, ele levou Laurie para fora, novamente usando o jeito de carregar uma bola de futebol americano. Ele prendeu a coleira e a deixou andar até a beirada da rua Oscar, onde ela se agachou e fez o que tinha que fazer.

— É assim mesmo — disse Lloyd. — Guarda isso na cabeça.

Às nove horas, ele forrou o cercadinho com uma camada dupla de tapetes higiênicos (ele viu que precisaria comprar mais no dia seguinte, além de toalhas de papel) e a colocou lá dentro. Ela ficou sentada olhando para ele. Quando ele lhe deu água em uma xícara de chá, ela bebeu um pouco e se deitou, ainda olhando para ele.

Lloyd se despiu até ficar de cueca e se deitou, sem se dar ao trabalho de puxar a coberta. Já tinha aprendido por experiência que, se fizesse isso, a encontraria no chão de manhã, vítima do quanto ele ficava se virando de um lado para o outro. Mas, naquela noite, ele adormeceu quase imediatamente e só acordou às duas horas com o som de um chorinho agudo.

Laurie estava deitada com o focinho enfiado pela grade do cercadinho como um detento numa solitária. Havia várias torinhas nos tapetinhos.

Avaliando que àquela hora haveria pouca gente ou ninguém passando na rua Oscar para se ofender com um homem de cueca boxer e camiseta velha, Lloyd calçou os chinelos e carregou a visitante (era assim que ele ainda pensava em Laurie) até lá fora. Ele a colocou na entrada de carros. Ela andou um pouco, farejou um local com bosta de passarinho e fez xixi em cima. Ele falou de novo para ela guardar aquilo na cabeça. Ela se sentou e olhou para a rua vazia. Lloyd olhou para as estrelas. Achava que

nunca tinha visto tantas, mas concluiu que devia ter visto, sim. Só não ultimamente. Ele tentou lembrar da última vez que tinha saído às duas da madrugada, e não conseguiu. Olhou para a Via Láctea quase hipnotizado, até perceber que estava adormecendo de pé. Ele levou Laurie de volta para dentro.

Laurie o observou em silêncio trocar os tapetinhos nos quais ela tinha cagado, mas o choro recomeçou assim que ele a colocou no cercado.

Ele pensou em levá-la para a cama, mas era uma péssima ideia, de acordo com *Então você tem um cachorrinho!* A autora (uma tal de Suzanne Morris, veterinária) declarava com firmeza: "Se você seguir esse caminho, vai ter muita dificuldade de voltar". Além do mais, a ideia de acordar e encontrar uma daquelas torinhas marrons no lado da cama onde sua esposa dormia não o agradava. Além de parecer simbolicamente desrespeitoso, ele teria que trocar o lençol, uma tarefa que também não o agradava, porque ele sempre se enrolava.

Ele foi para o aposento que Marian chamava de sua sala. A maioria das coisas dela ainda estava lá, porque, apesar das sugestões enfáticas da irmã, Lloyd ainda não tinha tido coragem de esvaziar o ambiente. Só tinha ficado longe daquela sala desde a morte de Marian. Até olhar para os quadros na parede doía, principalmente às duas da madrugada. Ele achava que uma pessoa ficava mais sensível às duas da madrugada. Só começava a melhorar depois das cinco, quando os primeiros raios de sol começavam a aparecer no leste.

Marian nunca tinha passado a usar iPod, mas o cd player que ela levava ao grupo de exercícios que se reunia duas vezes por semana estava na prateleira acima da pequena coleção de discos. Ele abriu o compartimento de pilhas e não viu corrosão nenhuma nas pilhas palito. Mexeu nos cds, parou em Hall and Oates e seguiu até *Joan Baez Greatest Hits*. Ele botou o disco no aparelho, que girou satisfatoriamente quando ele fechou a tampa.

Levou o aparelho para o quarto. Laurie parou de choramingar quando o viu.

Ele apertou play, e Joan Baez começou a cantar "The Night They Drove Old Dixie Down". Colocou o cd em um dos tapetinhos limpos. Laurie o farejou e se deitou ao lado, o focinho quase tocando no adesivo que dizia PROPRIEDADE DE MARIAN SUNDERLAND.

— Ajuda? — perguntou Lloyd. — Espero que sim.

Ele voltou para a cama e deitou-se com as mãos embaixo do travesseiro, onde estava fresco. Escutou a música. Quando Baez cantou "Forever Young", ele chorou um pouco. Tão previsível, ele pensou. Tão clichê. E adormeceu.

5

Setembro acabou e chegou outubro, o melhor mês do ano no norte do estado de Nova York, onde ele e Marian moraram até a aposentadoria dele, e na opinião de Lloyd (na minha humilde opinião, como diziam no Facebook), o melhor mês na costa oeste da Flórida. O pior do calor já tinha passado, mas os dias ainda eram quentes, e as noites frias de janeiro e fevereiro ainda estavam no calendário do ano seguinte. A maioria dos turistas do norte também estava no calendário seguinte, e em vez de abrir e fechar cinquenta vezes por dia, a ponte levadiça Oscar só bloqueava o trânsito de dez a vinte vezes. E havia bem menos trânsito a bloquear.

O Fish House de Cayman Key abriu depois do hiato de três meses, e cachorros podiam frequentar o Pátio dos Cachorrinhos. Lloyd levava Laurie lá com frequência, os dois andando pelo Caminho dos Dez Quilômetros junto ao canal. Lloyd carregava a cachorrinha pelos lugares onde o calçadão estava tomado de carriço; ela saltitava com facilidade por baixo da palmeira inclinada que Lloyd tinha que empurrar com a cabeça abaixada e o braço esticado para afastar as folhas mais densas, sempre com medo de um esquilo cair em seu cabelo, embora nunca tivesse acontecido. Quando eles chegavam ao restaurante, ela ficava sentada em silêncio ao lado do sapato dele no sol e era ocasionalmente recompensada pelos bons modos com um pedaço de batata frita da cesta de peixe empanado com batata frita de Lloyd. As garçonetes ficavam loucas por ela e sempre se curvavam para fazer carinho no pelo cinza.

Bernadette, a recepcionista, era particularmente apaixonada por ela.

— Esse *rosto* — ela sempre dizia, como se isso explicasse tudo. Ela se ajoelhava ao lado de Laurie, o que dava a Lloyd uma vista excelente e sempre apreciada do decote dela. — Aaah, esse *rosto*!

Laurie aceitava a atenção, mas não parecia ligar muito. Só ficava sentada olhando para a nova admiradora antes de voltar a atenção para Lloyd.

Parte dessa atenção podia ter a ver com as batatas fritas, mas não toda; ela olhava para ele com a mesma atenção quando ele estava vendo televisão.

Isso até adormecer.

Ela aprendeu a fazer as necessidades no lugar certo rapidamente, e apesar da previsão de Don, não roía os móveis. Roía os brinquedos, que se multiplicaram de três para seis para doze. Ele encontrou uma caixa velha para guardá-los. Laurie ia até a caixa de manhã, apoiava as patas na beirada e examinava o conteúdo como um cliente do Publix avaliando os produtos.

Finalmente, selecionava um, levava para o canto e roía até ficar entediada. Em seguida, voltava até a caixa e escolhia outro. No final do dia, todos estavam espalhados pelo quarto, pela sala e pela cozinha. A tarefa final de Lloyd antes de ir dormir era pegar todos e colocar na caixa. Não por causa da bagunça, mas porque a cachorrinha parecia ter uma satisfação enorme de observar seus bens acumulados a cada manhã.

Beth ligava com frequência e perguntava sobre os hábitos alimentares dele, o lembrava de aniversários de nascimento e casamento de velhos amigos e parentes ainda mais velhos, o mantinha informado sobre quem tinha batido as botas. Ela sempre terminava perguntando se Laurie ainda estava em período de experiência. Lloyd dizia que sim, até um dia no meio de outubro. Eles tinham acabado de voltar do Fish House, e Laurie estava dormindo de costas no meio da sala, as pernas abertas como os quatro pontos cardeais. A brisa do ar-condicionado balançava o pelo da barriga dela, e Lloyd percebeu que ela era linda. Não era sentimentalismo, só um fato da natureza. Ele sentia a mesma coisa pelas estrelas quando a levava para o último xixi da noite.

— Não, acho que passamos do período de experiência. Mas, se ela viver mais do que eu, Bethie, ou você vai levar ela de volta, e que se fodam as alergias do Jim, ou você vai arrumar uma boa casa pra ela.

— Pode deixar, Patinho. — Esse apelido de Patinho foi uma coisa que ela tirou de uma música antiga nos anos 1970 e usava até agora. Era mais uma coisa em Beth que Lloyd achava ao mesmo tempo fofa e irritante demais. — Estou feliz de estar dando certo. — Ela baixou a voz. — Pra falar a verdade, eu achei que não daria.

— Então por que você trouxe ela?

— Foi um tiro no escuro. Eu sabia que você precisava de *alguma coisa* mais trabalhosa do que um peixe dourado. Ela aprendeu a latir?

— É mais um gritinho. Ela faz isso quando vem o carteiro, o entregador do UPS ou se Don aparece pra tomar uma cerveja. Sempre são dois. Yark-yark e pronto. Quando você vem aqui?

— Já fui na última vez. Agora é sua vez de vir aqui.

— Vou ter que levar Laurie. Não vou deixar ela com Don e Evelyn Pitcher de jeito nenhum. — Ao olhar para a cachorrinha adormecida, ele percebeu que não a deixaria com ninguém de jeito nenhum. Até as idas rápidas ao supermercado o deixavam nervoso por ela, e ele sempre ficava aliviado de vê-la esperando na porta quando voltava.

— Então traz. Vou adorar ver o quanto ela cresceu.

— E as alergias do Jim?

— Que se fodam as alergias dele — disse ela, e desligou rindo.

6

Depois de exclamar e fazer festinha para Laurie, que, fora a parada para aliviar a bexiga, dormiu o caminho todo até Boca no banco de trás, Beth voltou às prioridades de sempre de irmã mais velha. Apesar de conseguir pegar no pé dele em tantos assuntos (ela era craque nisso), seu assunto principal daquela vez foi o dr. Albright e a necessidade de Lloyd de ir em uma consulta para fazer um check-up já atrasado.

— Mas você está bem — disse ela. — Tenho que dizer. Parece até estar bronzeado. Supondo que não seja icterícia.

— Eu sempre posso contar com você pra ouvir palavras animadoras, Bethie. É só sol. Eu passeio com Laurie três vezes por dia. Na praia quando acordamos, no Caminho de Dez Quilômetros até o Fish House, onde eu almoço, e na praia de novo no fim do dia, pra ver o pôr do sol. Ela não presta atenção, imagino que cachorros não têm senso estético, mas eu gosto.

— Você passeia com ela no calçadão do canal? Meu Deus, Lloyd, aquilo lá está em ruínas. Vai acabar desabando um dia e te jogando no canal com a princesinha aqui. — Ela fez carinho no alto da cabeça de Laurie. A cachorrinha semicerrou os olhos e pareceu sorrir.

— Tem quarenta anos ou mais. Acho que vai durar mais do que eu.

— Você já marcou a consulta com o médico?

— Não, mas vou marcar.

Ela pegou o telefone.

— Marca agora, por que não? Quero ver.

Ele percebeu pelo olhar dela que ela não esperava que ele aceitasse, e foi um dos motivos para aceitar. Mas não o único. Nos anos anteriores, ele tinha medo de ir ao médico; ficava esperando o momento (sem dúvida por ver programas de televisão demais) em que o médico olharia para ele com seriedade e diria "Tenho más notícias".

Mas agora ele estava se sentindo bem. As pernas ficavam meio rígidas quando ele levantava de manhã, provavelmente de tanto andar, e suas costas estalavam mais do que nunca, mas quando ele voltava a atenção para dentro, não encontrava nada preocupante. Ele sabia que coisas ruins podiam crescer despercebidas por um tempo no corpo de um homem

velho, esgueirando--se até a hora de atacar, mas nada tinha progredido ao ponto de haver uma manifestação externa: não havia sangue nas fezes nem na saliva, não havia dor profunda na barriga, não havia dificuldade para engolir, não havia dor ao urinar. Ele refletiu que era bem mais fácil ir ao médico quando seu corpo dizia que não havia motivo para isso.

— Por que você está sorrindo? — Beth pareceu desconfiada.

— Nada. Me dá isso.

Ele esticou a mão para o telefone. Ela afastou o aparelho dele.

— Se você pretende mesmo ligar, usa o seu celular.

7

Duas semanas depois do check-up, o dr. Albright o chamou para ir até lá pegar os resultados. Estavam bons.

— Seu peso está como deveria estar, sua pressão arterial está ótima, os reflexos também. Seus números de colesterol estão melhores do que da última vez que você nos deixou tirar seu sangue…

— Eu sei, faz um tempo — disse Lloyd. — Provavelmente tempo demais.

— Não tem nada de provavelmente. De qualquer forma, não preciso lhe dar remédio de colesterol agora, e você deveria ver isso como vitória. Pelo menos metade dos meus pacientes com a sua idade toma.

— Eu ando muito — disse Lloyd. — Minha irmã me deu um cachorro. Um filhote.

— Cachorrinhos são a ideia de Deus do treino perfeito. Como você está indo no resto? Está lidando bem?

Albright não precisava ser mais específico. Marian também tinha sido paciente dele, e bem mais cuidadosa do que o marido sobre os check-ups de seis em seis meses (muito proativa em todas as coisas, Marian Sunderland), mas o tumor que primeiro a debilitou e depois a matou foi muito mais do que proativo. Propagou-se bem no fundo. Um glioblastoma, pensou Lloyd, era a versão de Deus de uma bala calibre .45 no cérebro.

— Estou bem — disse Lloyd. — Voltei a dormir. Vou pra cama cansado na maioria das noites, e isso ajuda.

— Por causa do cachorro?

— É. Principalmente isso.

— Você deveria ligar pra sua irmã e agradecer — disse Albright.

Lloyd pensou que era uma boa ideia. Ele ligou naquela noite e fez exatamente isso. Beth disse que tinha sido um prazer. Lloyd levou Laurie para a praia e andou com ela. Viu o pôr do sol. Laurie encontrou um peixe morto e fez xixi em cima. Os dois foram para casa satisfeitos.

8

O dia 6 de dezembro daquele ano começou do jeito normal, com uma caminhada na praia seguida do café da manhã: ração para Laurie, um ovo mexido e uma torrada para Lloyd. Não havia premonição de que Deus estava engatilhando sua .45.

Lloyd assistiu à primeira hora do programa *Today* e foi até a sala de Marian. Ele tinha aceitado um trabalhinho de contabilidade do Fish House e de uma concessionária de carros de Sarasota. Era coisa sem pressão, sem nenhum estresse, e apesar de suas necessidades financeiras estarem cobertas, era bom estar trabalhando de novo. E ele descobriu que gostava da mesa de Marian mais do que da dele. Também gostava das músicas dela.

Desde sempre. Ele achava que Marian ficaria feliz de saber que o espaço dela estava sendo usado.

Laurie se sentou ao lado da cadeira, roendo com alegria o coelho de brinquedo, depois tirou um cochilo. Às dez e meia, Lloyd salvou o trabalho e se afastou do computador.

— Hora do lanche, garota.

Ela foi atrás dele até a cozinha e aceitou um palito de couro mastigável.

Lloyd tomou leite e comeu dois biscoitos que tinham chegado em um pacote de presente de Natal precoce de Beth. Estavam queimados embaixo (biscoitos natalinos queimados eram outra especialidade da irmã), mas comíveis. Ele leu por um tempo (estava percorrendo a extensa obra de John Sandford) e acabou sendo despertado por um tinido familiar. Era Laurie junto da porta da frente. A guia dela ficava pendurada na porta, e ela estava batendo com o focinho no prendedor de aço. Lloyd olhou para o relógio e viu que eram quinze para meio-dia.

— Tudo bem, vai.

Ele prendeu a guia, mexeu no bolso dianteiro esquerdo para ter certeza de que estava com a carteira, e deixou que Laurie o levasse para a luz forte do meio-dia. Enquanto eles andavam na direção do Caminho dos Dez Quilômetros, ele viu que Don estava montando a horrível coleção de plástico de sempre de enfeites de Natal: um presépio (sagrado), um Papai

Noel grande de plástico (profano) e uma coleção de gnomos de jardim enfeitados para parecerem elfos (pelo menos Lloyd achava que essa era a ideia). Em pouco tempo, Don arriscaria a vida subindo numa escada e pendurando luzinhas que piscavam, fazendo a casinha dos Pitcher parecer o menor navio cassino do mundo. Em anos anteriores, a decoração de Don deixou Lloyd triste, mas nesse dia ele riu. Era preciso dar crédito ao filho da puta. Ele tinha artrite, enxergava mal e tinha problema nas costas, mas não desistia. Para Don, era decorar para o Natal ou morrer tentando.

Evelyn saiu pela varanda dos fundos dos Pitcher. Ela usava um roupão rosa abotoado errado, estava com um creme amarelo-esbranquiçado nas bochechas, e o cabelo todo desgrenhado. Don tinha contado a Lloyd que sua esposa tinha começado a ficar um pouco doidinha, e hoje ela parecia mesmo.

— Você o viu? — gritou ela.

Laurie olhou e deu seu cumprimento de sempre: *Yark, yark.*

— Quem? Don?

— Não, John Wayne! Claro que é Don, quem poderia ser?

— Não vi — disse Lloyd.

— Bom, se vir, manda ele parar de peidar por aí e terminar as porcarias das decorações. As luzes estão penduradas e os Reis Magos ainda estão na garagem! Aquele homem é *doido*!

Se ele é, então vocês são dois, pensou Lloyd.

— Pode deixar que eu passo a mensagem se o vir.

Evelyn se inclinou por cima da amurada de forma alarmante.

— Que cachorrinho fofo você tem! Qual é o nome dele mesmo?

— Laurie — disse Lloyd, como já tinha dito muitas vezes antes.

— Ah, é cadela, é cadela, é cadela! — gritou Evelyn com um fervor meio shakespeariano, e deu uma gargalhada. — Vou ficar feliz quando o maldito Natal passar, pode dizer isso pra ele também!

Ela se empertigou (um alívio; Lloyd achava que não conseguiria segurá-la se ela tivesse caído) e voltou para dentro. Laurie se levantou e saltitou até o calçadão, apontando com o focinho para os cheiros de comida frita que vinha do Fish House. Lloyd se virou com ela, ansiando por um pedaço de salmão grelhado sobre uma cama de arroz. As coisas fritas tinham começado a não cair muito bem para ele.

O canal seguia seu rumo; o Caminho dos Dez Quilômetros seguia junto, virando preguiçosamente para lá e para cá, abraçando a margem

cheia de mato. Aqui e ali faltava uma tábua. Laurie parou para olhar um pelicano mergulhar e voltar com um peixe se sacudindo no bico, e eles prosseguiram.

Ela parou em um amontoado de carriço aparecendo entre duas tábuas meio tortas. Lloyd a levantou pela barriga; ela estava ficando grande demais para ser carregada como uma bola de futebol americano agora. Um pouco mais à frente, antes da curva seguinte, as palmeiras tinham crescido por cima do calçadão, formando um arco baixo. Laurie era pequena o suficiente para passar andando, mas parou e farejou alguma coisa. Lloyd a alcançou e se inclinou para ver o que ela tinha encontrado. Era a bengala de Don Pitcher.

E apesar de ser feita de mogno sólido, tinha uma rachadura por ela toda, desde a ponta de borracha.

Lloyd a pegou e examinou três ou quatro gotas de sangue pontilhando a madeira.

— Isso não é bom. Acho melhor a gente v…

Mas Laurie disparou, puxando a guia da mão dele. Desapareceu embaixo do arco verde, o cabo da guia estalando e girando atrás. Nessa hora, os latidos começaram, não o gritinho duplo de sempre, mas uma tempestade de sons mais graves que ele acharia que ela era incapaz de fazer. Alarmado, Lloyd passou embaixo das palmeiras, balançando a bengala para lá e para cá para afastar os galhos para os lados. Os galhos voltaram e arranharam suas bochechas e sua testa. Em alguns havia gotas e manchas de sangue. Havia mais sangue nas tábuas.

Do outro lado, Laurie estava com as patas da frente afastadas, as costas curvadas e o focinho tocando as tábuas. Ela estava latindo para um jacaré. Era verde-escuro e manchado de preto, um adulto crescido com pelo menos três metros. Ficou olhando para o cachorro barulhento de Lloyd com olhos apagados. Estava espalhado em cima do corpo de Don Pitcher, o nariz apoiado no pescoço bronzeado de Don, as patas curtas e escamosas da frente segurando possessivamente os ombros ossudos. Era o primeiro jacaré que Lloyd via desde uma ida ao Jungle Gardens em Sarasota com Marian, e isso foi anos antes.

A parte de cima da cabeça de Don tinha praticamente desaparecido.

Lloyd conseguia ver fragmentos de osso pelo que restava do cabelo do vizinho. Um filete de sangue ainda úmido estava secando na bochecha dele.

Havia pedaços de aveia nele. Lloyd percebeu que estava olhando para o cérebro de Don Pitcher. O fato de que Don estava pensando exatamente com aquilo talvez alguns minutos antes pareceu deixar o mundo todo sem sentido.

O cabo da guia de Laurie caiu pela lateral do calçadão, dentro do canal.

Ela continuou latindo. O jacaré olhou para ela, sem se mover no momento.

Parecia absurdamente burro.

— Laurie! Cala a boca! Cala a porra da boca!

Ele pensou em Evelyn Pitcher na varanda dos fundos como uma atriz em um palco gritando: *Ah, é cadela, é cadela, é cadela!*

Laurie parou de latir, mas continuou rosnando fundo na garganta. Ela parecia ter crescido para o dobro do tamanho, porque o pelo cinza-escuro estava ereto não só em volta do pescoço, mas em todo o corpo. Lloyd se apoiou em um joelho, sem nunca tirar os olhos do jacaré, e enfiou a mão esquerda no canal, procurando a guia. Encontrou a corda, puxou o cabo, o segurou e se levantou, sem nunca tirar os olhos da coisa verde e preta apoiada no corpo de Don. Ele puxou a guia. Primeiro, foi como puxar um poste enfiado no chão de tão bem que Laurie estava apoiada, mas ela acabou se virando para ele. Quando se virou, o jacaré levantou a cauda e a baixou com tudo, um golpe direto que espirrou gotículas de água e fez o calçadão tremer. Laurie se encolheu e pulou nos tênis de Lloyd.

Ele se inclinou e a pegou, sem nunca tirar os olhos do jacaré. O corpo de Laurie estava vibrando, como se uma corrente elétrica estivesse passando por ele. Os olhos estavam arregalados a ponto de exibirem os brancos em volta. Lloyd ficou atordoado demais pela visão do jacaré em cima do corpo de seu vizinho morto para sentir medo, e quando o sentimento voltou, não foi medo, mas uma espécie de fúria protetora. Ele soltou a guia da coleira de Laurie e a largou.

— Vai pra casa. Está ouvindo? Vai pra casa. Vou logo atrás.

Ele se inclinou, ainda sem tirar os olhos do jacaré (que não tirou os olhos dele). Tinha carregado Laurie como uma bola de futebol americano muitas vezes quando ela era menor; agora, ele a jogou como uma, pelas pernas e direto pelo arco de palmeiras.

Não havia tempo para ver se ela estava indo. O jacaré foi para cima dele.

Moveu-se com velocidade incrível e inesperada, jogando o corpo de Don bem para trás com as perninhas curtas traseiras enquanto dava impulso. A boca se abriu, expondo dentes como uma cerquinha suja. Na língua preta-rosada e áspera, Lloyd conseguiu ver pedaços da camisa de Don.

Ele bateu com a bengala em um movimento lateral. Acertou o lado da cabeça do jacaré abaixo de um daqueles olhos estranhamente sem expressão, e a haste quebrou na rachadura do mogno. O pedaço quebrado saiu girando e caiu no canal. O jacaré parou por um momento, como se estivesse surpreso, e voltou a atacar. Lloyd conseguiu ouvir o estalo das unhas do bicho na madeira. A boca se abriu, o maxilar inferior deslizando pelo calçadão e levantando farpas cinzentas.

Lloyd não pensou em nada. Uma parte mais profunda dele assumiu o controle. Ele golpeou com o que tinha restado da bengala de Don e enfiou a ponta quebrada na carne esbranquiçada na lateral da cabeça achatada do jacaré. Segurando a bengala com as duas mãos, ele se inclinou para a frente, botou todo seu peso em cima e empurrou com toda força que conseguiu.

O jacaré foi empurrado para o lado. Antes que pudesse se recuperar, houve uma série de estalos rápidos, como tiros de uma pistola sinalizadora de início de corrida. Parte do calçadão antigo desabou, derrubando a metade inferior do jacaré no canal. O rabo desceu, batendo nas tábuas tortas e fazendo o corpo de Don pular. A água borbulhou. Lloyd teve dificuldade para se equilibrar e deu um passo para trás na hora que a cabeça do jacaré apareceu na superfície, a boca se fechando. Ele golpeou de novo, sem mirar, mas a ponta quebrada entrou no olho do jacaré. O bicho recuou, e se Lloyd não tivesse soltado o cabo curvo da bengala, teria sido puxado para a água em cima dele.

Ele se virou e saiu correndo pelas palmeiras com os braços esticados na frente do corpo, esperando a qualquer momento ser mordido por trás ou jogado para cima quando o jacaré nadasse por baixo do calçadão, se firmasse no fundo cheio de lodo e abrisse caminho até ele. Saiu do outro lado, sujo e manchado com o sangue de Don e sangrando em mais de dez arranhões.

Laurie não tinha ido para casa. Ela estava parada três metros à frente, e quando viu Lloyd, correu para ele, encolheu a traseira e pulou. Lloyd a pegou (como uma bola de futebol americano, como um arremesso longo) e

saiu correndo, sem nem perceber direito que Laurie estava se contorcendo em seus braços e choramingando e cobrindo seu rosto de lambidas desesperadas. Mas lembraria depois.

Quando estava fora do calçadão e do caminho de conchas, ele olhou para trás, esperando ver o jacaré correndo atrás deles pelo calçadão com a velocidade sinistra e inesperada. Tinha chegado na metade do caminho até sua casa quando suas pernas cederam e ele se sentou. Ele estava chorando e tremendo todo. Ficava olhando para trás, procurando o jacaré. Laurie continuava lambendo seu rosto, mas o tremor dela tinha começado a diminuir. Quando se sentiu capaz de caminhar novamente, ele carregou Laurie pelo resto do caminho até em casa. Duas vezes, achou que ia desmaiar e teve que parar.

Evelyn apareceu na varanda quando ele estava indo para sua porta dos fundos.

— Sabia que se você carregar um cachorro assim, ele vai começar a esperar que você faça isso o tempo todo? Você viu Don? Ele precisa terminar de botar os enfeites de Natal.

Ela não viu o sangue, pensou Lloyd, *ou não queria ver*?

— Houve um acidente.

— Que tipo de acidente? Alguém bateu na porcaria da ponte levadiça de novo?

— Entre — disse ele.

Ele entrou em casa sem esperar para ver se ela tinha entrado na dela.

Pegou uma tigela de água fresca para Laurie, e ela bebeu avidamente. Enquanto ela bebia, Lloyd ligou para a emergência.

9

A polícia devia ter ido à casa dos Pitcher imediatamente depois de recolher o corpo de Don, porque Lloyd ouviu Evelyn gritando. Os gritos não deviam ter durado muito tempo, mas pareceu que sim. Ele se perguntou se deveria ir lá, talvez para tentar consolá-la, mas não se sentia capaz. Estava mais cansado do que conseguia lembrar, mesmo depois de um treino de futebol americano do ensino médio nas tardes quentes de agosto. Só queria ficar sentado na poltrona com Laurie no colo. Ela estava dormindo com o focinho na cauda.

A polícia apareceu e o entrevistou. Disseram que ele teve muita sorte.

— Fora a sorte, você pensou bem rápido — disse um dos policiais — ao usar a bengala do sr. Pitcher assim.

— O bicho teria me pegado mesmo assim se a parte externa do calçadão não tivesse cedido com o peso dele — disse Lloyd. Provavelmente teria pegado Laurie também. Porque Laurie não tinha ido para casa. Laurie tinha esperado.

Naquela noite, ele a levou para a cama. Ela dormiu no lado de Marian.

Lloyd dormiu pouco. Cada vez que começava a adormecer, pensava no jacaré esparramado por cima do corpo de Don, com uma possessividade tão idiota.

Com os olhos pretos mortos. Pensava que ele parecia sorrir. Na velocidade inesperada com que partiu para cima dele. Em seguida, fazia carinho na cachorra dormindo ao seu lado.

Beth veio de Boca no dia seguinte. Ela chamou a atenção dele, mas só depois de o ter abraçado e beijado repetidamente, fazendo Lloyd pensar no desespero de Laurie lambendo seu rosto quando ele saiu do meio das palmeiras.

— Eu te amo, seu filho da mãe velho e burro — disse Beth. — Graças a Deus você está vivo.

Ela pegou Laurie e a abraçou. Laurie aceitou com paciência, mas assim que Beth a botou no chão, foi procurar o coelho de borracha. Ela o levou para o canto, onde o fez apitar repetidamente. Lloyd se perguntou se ela estava tendo uma fantasia em que fazia o jacaré em pedacinhos e disse para si mesmo que estava sendo idiota. Não dava para transformar um

cachorro em algo que ele não era. Ele não tinha lido isso em *Então você tem um cachorrinho!* Era uma daquelas coisas que você descobria sozinho.

10

No dia seguinte à visita de Beth, um guarda-caça do Florida Fish and Wildlife foi ver Lloyd. Eles se sentaram na cozinha, e o guarda-caça, que se chamava Gibson, aceitou um copo de chá gelado. Laurie gostou de farejar as botas e barras da calça dele por um tempo, depois se encolheu embaixo da mesa.

— Nós pegamos o jacaré — disse Gibson. — Você tem sorte de estar vivo, sr. Sunderland. Era bem grande.

— Eu sei disso — disse Lloyd. — Sofreu eutanásia?

— Não, e há discussões se deve ou não. Quando atacou o sr. Pitcher, estava protegendo um amontoado de ovos.

— Um ninho?

— Isso mesmo.

Lloyd chamou Laurie. Laurie veio. Ele a pegou e começou a fazer carinho nela.

— Quanto tempo aquela coisa ficou ali? Eu andei por aquela porcaria de calçadão até o Fish House com minha cachorrinha quase todos os dias.

— O tempo de incubação normal é de sessenta e cinco dias.

— Aquela coisa estava ali esse tempo todo?

Gibson assentiu.

— Boa parte, sim. No meio do mato e do carriço.

— Nos observando passar.

— Você e todo mundo que usou o calçadão. O sr. Pitcher deve ter feito alguma coisa, provavelmente sem querer, que despertou… bem… — Gibson deu de ombros. — Não instintos maternos, acho que não dá pra dizer isso, mas eles estão programados pra proteger o ninho.

— Ele deve ter balançado a bengala na direção dele — disse Lloyd. — Ele sempre balançava aquela bengala. Pode até ter acertado nele. Ou no ninho.

Gibson terminou o chá gelado e se levantou.

— Eu só achei que você ia gostar de saber.

— Obrigado.

— Claro. Essa cachorrinha que você tem é linda. É border collie com o quê?

— Mudi.

— Ah, é, estou vendo agora. E ela estava com você naquele dia.

— Na minha frente, na verdade. Ela o viu primeiro.

— Ela também tem sorte de estar viva.

— Tem. — Lloyd fez carinho nela. Laurie olhou para ele com os olhos âmbar. Ele se perguntou, como quase sempre fazia, o que ela via no rosto que olhava para o dela. Como as estrelas que ele via quando a levava para passear à noite, era um mistério.

Gibson agradeceu pelo chá gelado e foi embora. Lloyd ficou sentado onde estava por um tempo enquanto passava a mão no pelo cinza. Em seguida, colocou a cachorrinha no chão para cuidar da vida dela enquanto ele cuidava da dele. Era a vida, você estava preso nela, e a única coisa que podia fazer era vivê-la.

Pensando em Vixen

FIM